

JNT-FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL - ISSN: 2526-4281 - QUALIS B1



**A METÁFORA COMO UM RECURSO
SOCIODISCURSIVO NAS GÍRIAS DOS
REEDUCANDOS DO SISTEMA PRISIONAL DO
TOCANTINS**

**METAPHOR AS A SOCIODISCURSIVE
RESOURCE IN THE SLANGS OF THE
TOCANTINS PRISON SYSTEM**

Solange Cavalcante de MATOS
Universidade Federal do Tocantins UFT
Instituto Federal do Tocantins IFTO
E-mail: solangematos@ifto.edu.br

Marcia Elizabeth BORTONE
Universidade de Brasília UNB
E-mail: marciabortone@terra.com.br

Francisco Edviges ALBUQUERQUE
Universidade Federal do Tocantins UFT
Laboratório de Línguas Indígenas LALI/UFT
E-mail: fedvigues@uol.com.br



RESUMO

O presente artigo se propõe a analisar as criações metafóricas das gírias dos reeducandos do sistema penitenciário do Estado do Tocantins, tendo como base a teoria de Lakoff (1985) e Lakoff & Johnson (2002) sobre *metáfora conceptual* e os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Interacional. O estudo trata-se de um recorte da Dissertação de Mestrado intitulada “*A língua dos ‘filhos errantes da sociedade’*: uma análise sociodiscursiva das gírias do sistema penitenciário do interior do Tocantins”, de autoria de Solange Cavalcante de Matos, defendida em 2014, na Universidade de Brasília (UnB), sob a orientação da professora Doutora Marcia Elizabeth Bortone, em que foi desenvolvida uma pesquisa na perspectiva etnográfica com os reeducandos e agentes prisionais da Casa de Prisão Provisória de Gurupi – TO e do Centro de Reeducação Social Luz do Amanhã de Cariri – TO. Para embasar nosso estudo, nos apoiamos em teóricos que têm se dedicado ao estudo da língua e sua relação com os aspectos culturais, ideológicos e identitários, tais como Gumperz (1988); Goffman (2012); Bortone (2007); Bortoni-Ricardo (2005); Preti (1984, 2004 e 2010); Remenche (2003); Thompson (2009); Bakhtin (2006); Lakoff (1985) e Lakoff & Johnson (2002). Os resultados revelam que as criações metafóricas presentes na linguagem gíria dos reeducandos, além de serem utilizadas como subterfúgio para tentar excluir os policiais da interação verbal e garantir a hegemonia do grupo, transmitem a visão de mundo dos apenados e como estes se relacionam com o mundo da criminalidade e com o ambiente prisional.

Palavras-chave: Metáfora. Gíria de Grupo. Sistema Prisional. Sociolinguística Interacional.

ABSTRACT

This article aims to analyze the metaphorical creations of the slangs of the reeducating of the penitentiary system of the State of Tocantins, based on the theory of Lakoff (1985) and Lakoff & Johnson (2002) on conceptual metaphor and theoretical methodological assumptions of Interactional Sociolinguistics. The study is an excerpt from the Master's Dissertation entitled “*The language of the 'wandering children of society': a sociodiscursive analysis of the slang of the penitentiary system in the interior of Tocantins*”, by Solange Cavalcante de Matos, defended in 2014, at the University of Brasilia (UnB), under the guidance of Professor Marcia Elizabeth Bortone, in which an research in an ethnographic perspective was carried out with inmates and prison officers from the Provisional Prison House in Gurupi - TO and the Tomorrow's Light Social Re-

Education Center in Cariri - TO. To support our study, we rely on theorists who have dedicated themselves to the study of language and its relationship with cultural, ideological and identity aspects, such as Gumperz (1988); Goffman (2012); Bortone (2007); Bortoni-Ricardo (2005); Preti (1984, 2001, 2004 and 2010); Remenche (2003); Thompson (2009); Bakhtin (2006); Lakoff (1985) and Lakoff & Johnson (2002). The results reveal that the metaphorical creations present in the slang language of the reeducating, in addition to being used as a subterfuge to try to exclude the police from verbal interaction and guarantee the hegemony of the group, convey the worldview of the inmates and how they relate to the world crime and the prison environment.

Keywords: Metaphor. Group Slang. Prison System. Interactional Sociolinguistics.

INTRODUÇÃO

Sendo a linguagem a essência da sociedade, para se conhecer determinado grupo humano é necessário observar a forma como esse grupo representa sua realidade por meio da linguagem, a qual reflete a cultura, as atitudes, o modo de vida, os valores e a visão de mundo do falante. Assim, como vivemos em uma sociedade repleta de diversidades socioculturais, existem também diversos tipos de linguagens que são usadas por grupos específicos para não apenas estabelecerem a comunicação, mas também para expressarem a forma como veem e sentem o mundo à sua volta.

Os grupos minoritários produzirão, pois, diferentes falas, dentre as quais ressaltamos aqui a *gíria de grupo*, ou *gíria marginal*, que, de acordo com Preti (2004), é usada por falantes que pretendem comunicar-se entre si sem serem compreendidos por outras pessoas que não pertencem ao grupo. A significação dos vocábulos é, desse modo, preservada, tornando a gíria uma linguagem secreta, somente compreensível àqueles que pertencem ao grupo específico de falantes. Dentre esses grupos fechados, destacamos aqui aqueles conflituosos e violentos ligados às drogas e tráfico, à prostituição, ao crime e ao ambiente das prisões. E é exatamente este grupo que será objeto do presente artigo, o qual constitui um recorte da Dissertação de Mestrado intitulada “*A língua dos ‘filhos errantes da sociedade’ : uma análise sociodiscursiva das gírias do sistema penitenciário do interior do Tocantins*”, de autoria de Solange Cavalcante de Matos, defendida em 2014, na Universidade de Brasília (UnB), sob a orientação da professora Doutora Marcia Elizabeth Bortone. Para a pesquisa de campo, que foi realizada em 2012 na Casa de Prisão Provisória de Gurupi e no Centro de Reeducação Social Luz do Amanhã, de Cariri – TO foi adotada a abordagem qualitativa na perspectiva etnográfica (ERICKSON, 1988 e SOUSA, 2006), em que os dados foram gerados por meio de observação participante e entrevistas

semiestruturadas realizadas com reeducandos e agentes penitenciários das duas unidades prisionais, bem como com um delegado e um agente de polícia, que atuam nas investigações criminais.

Notamos que, apesar de a linguagem ser considerada um instrumento de comunicação entre as pessoas e, por este motivo, ser usada de forma clara para que haja maior compreensão entre os interlocutores, os “filhos errantes da sociedade”¹ (presos ou em liberdade) buscam ser compreendidos apenas pelo grupo a que pertencem, criando uma linguagem criptológica peculiar. Esse isolamento linguístico está relacionado ao isolamento social em que o grupo se encontra, pois, na maioria dos casos, foi o desamparo econômico e social que o levou à delinquência e, conseqüentemente, à exclusão do convívio social. Dessa forma, esse grupo estigmatizado pela sociedade acaba formando uma comunidade linguística diferenciada, como forma de identificação do grupo e de reação e luta contra a sociedade excludente.

O vocabulário desse grupo é tão diferente que, aos ouvidos de pessoas não iniciadas, pode parecer se tratar de outro idioma, uma segunda língua², uma vez que o grupo cria novas palavras a partir do vocabulário comum, por meio da deformação de significantes, mudanças de categorias gramaticais e da criação de metáforas, metonímias e eufemismos reveladores da visão de mundo do grupo marginal (PRETI, 2004).

Não há como negar que essa linguagem criptológica e metafórica desperta nossa curiosidade. E foi justamente essa curiosidade que nos levou a realizar a presente pesquisa. Para tanto, recorreremos ao conceito de metáfora de Lakoff (1985), Lakoff & Johnson (2002) e de Sardinha (2007); bem como aos pressupostos teóricos-metodológicos da Sociolinguística Interacional (GUMPERZ, 1988) e aos estudos de Bortone (2007); Bortoni-Ricardo (2005); Preti (1984, 2004 e 2010); Goffman (2012); Remenche (2003); Thompson (2009); Bakhtin (2006), dentre outros, a partir dos quais foi possível perceber que o contexto de exclusão social e violência dos apenados contribui para a criação de uma linguagem peculiar, metafórica e restrita, a gíria de grupo, reveladora da visão de mundo do grupo marginal e carregada de marcas ideológicas e identitárias.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sociolinguística Interacional: conceito e objeto de estudo

¹ Essa expressão é usada em referência aos reeducandos e/ou criminosos em geral. Tomamos emprestado aqui a fala do Agente de Execução Penal, grande amigo e colaborador desta pesquisa, senhor Antônio Lázaro Lima Sampaio, que assim designou os detentos em seu discurso de posse na Secretaria da Segurança Pública (hoje Secretaria de Cidadania e Justiça) do Estado do Tocantins, por acreditar que tais sujeitos são frutos de uma sociedade de oportunidades desiguais.

² A estrutura gramatical e textual é praticamente a mesma do português, mas o léxico é bastante alterado a ponto de impedir a compreensão, como será mostrado no decorrer da pesquisa.

Ao propormos uma análise dos usos linguísticos sob uma perspectiva social, os pressupostos teóricos-metodológicos da Sociolinguística Interacional são relevantes para as discussões apresentadas neste artigo, pois procuramos evidenciar a estreita relação entre língua e cultura, bem como o papel da linguagem no exercício do poder e controle, na produção e reprodução da identidade social, ou como a ideologia e o contexto discursivo podem afetar o processo comunicativo, gerando interpretações diversas e problemas na comunicação.

Essa vertente sócio-pragmática, que surgiu no final do século XX, tem suas raízes na Sociolinguística Laboviana/Variacionista (LABOV, 1972 / 2008), contudo, apresenta uma abordagem interpretativa, de caráter mais qualitativo. Segundo Schiffrin (1996), a Sociolinguística Interacional é uma perspectiva teórica e metodológica, multidisciplinar, sobre o uso da linguagem que é baseada na linguística, na sociologia e na antropologia. Assim, ela compartilha as preocupações de três campos: o da linguagem, o da sociedade e o da cultura.

Desta feita, enquanto a tarefa do pesquisador da Sociolinguística Quantitativa ou Variacionista é isolar e analisar variáveis linguísticas relacionadas a uma ou mais variáveis extralinguísticas, a tarefa do pesquisador que adota a Sociolinguística Interacional é o estudo profundo de instâncias selecionadas de interação verbal, ou seja, é uma análise mais interpretativa, a qual procura explicar devidamente as diferenças nos valores, crenças e atitudes entre os diversos grupos sociais. Desse modo, a Sociolinguística Interacional considera elementos importantes que vão além da estrutura gramatical, pois em suas trocas verbais, para que a interação se efetive, os interlocutores precisam ser capazes de fazer inferências e não apenas ter competência gramatical necessária para a decodificação de mensagens isoladas, ou seja, precisam, também, da *competência comunicativa* (GUMPERZ, 1988).

Ademais, para a Sociolinguística Interacional, a língua não é apenas um instrumento de comunicação ou de conhecimento, mas também um instrumento de poder. Além disso, para essa vertente, a língua(gem) revela os papéis sociais que os falantes assumem nos diversos domínios sociais, revelando, assim, a identidade do falante, seus valores, suas crenças e a ideologia que lhe é subjacente.

Para ilustrar esse processo, citamos um exemplo retirado do trabalho de Bortone (2007). Trata-se de uma pesquisa desenvolvida com a comunidade Olhos D'Água, uma região rural localizada na periferia de Uberlândia – MG, composta por trabalhadores rurais iletrados, cujo objetivo era analisar a interação entre essa comunidade e a comunidade letrada, no caso, representada pelas entrevistadoras. Em dado momento das entrevistas, foi evidenciado que os informantes do sexo masculino tinham certa resistência em admitir a

incompreensão das perguntas da entrevistadora do sexo feminino. A autora atribuiu tal fato aos papéis sociais dos participantes do evento de fala.

A entrevistadora está em posição de superioridade em relação ao homem, devido ao seu papel de condutora da entrevista. A situação de dominância feminina contrapõe-se aos valores da comunidade, ampliando a insegurança do falante masculino, como se verifica abaixo:

Diálogo nº 5: E: Você tem credibilidade na polícia?

I: Sô tenho?... só tenho só minhas ideias mesmo...

Acho que não tem possibilidade não... (BORTONE, 2007, p.

131)

Nesse diálogo, notamos que o informante masculino não entendeu o que a mulher (entrevistadora) perguntou, mas fingiu que entendeu para não se colocar em posição inferior à da mulher, já que, de acordo com os valores e cultura de sua comunidade, os homens são superiores às mulheres. Nesse viés, o trabalho de Bortone (2007) nos revela, ainda, dois pontos importantes, considerados pela Sociolinguística Interacional: 1) a ideologia, postulada por Thompson (2009, 1990), está imbricada à linguagem, pois a fala do informante supracitada mostra como os sentidos simbólicos (no caso, a linguagem) servem para manter a dominação de um gênero (masculino) sobre o outro (feminino); 2) nos rituais de interação face a face há a preocupação do interlocutor em preservar a sua face (valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma), teoria postulada por Goffman (2012).

Já no caso da nossa pesquisa com os reeducandos do Sistema Penitenciário do interior do Tocantins, veremos, na seção de análise dos dados, que a principal estratégia discursiva utilizada pelo grupo está relacionada às escolhas lexicais, através do uso de metáforas, metonímias e eufemismos, que garantem a hegemonia do grupo e facilitam suas práticas criminosas.

O estudo da gíria: código secreto e identidade de um grupo

A gíria é uma variação linguística, que pode ser definida como uma forma peculiar de expressão de grupos específicos, que se diferencia da língua padrão, sobretudo pelo léxico. O vocabulário gírio surge a partir do momento em que determinados grupos se isolam da sociedade como forma de reação à padronização sociocultural imposta pela ideologia da classe dominante e adotam uma *linguagem especial*, opondo-se ao uso comum. Esse comportamento linguístico é, na verdade, reflexo do comportamento social do grupo, o qual não aceita, ou não consegue seguir, os padrões estabelecidos pela sociedade e busca originalidade por meio da linguagem, criando, assim, um vocabulário de *uso restrito*. Preti (1984, p. 4) diz que a gíria é uma forma do pequeno grupo se opor à

grande comunidade, pois “falando diferente, estropiando a linguagem usual, ele agride o convencional, opõe-se ao *uso* aceito pela maioria, e deixa marcado seu conflito com a sociedade.”

Esse mesmo autor afirma, ainda, que a gíria é um fenômeno tipicamente sociolinguístico que pode ser estudado sob duas perspectivas: a da *gíria de grupo* ou gíria no sentido restrito (linguagem de grupos sociais marginalizados, com características criptológicas, como, por exemplo, o vocabulário dos universitários ou dos taxicômanos); e a da *gíria comum* (vocabulário que surge a partir da divulgação dos signos provenientes da gíria de grupo, perdendo seu caráter secreto) (PRETI, 2004).

Interessa-nos, neste trabalho, o estudo da gíria sob a primeira perspectiva, isto é, a da *gíria de grupo*, posto que é nesse contexto que se pode estabelecer as relações entre linguagem e grupo e o papel que esse vocabulário desempenha na interação verbal. Entre os “filhos errantes da sociedade”, o uso da gíria é uma forma de planejar e praticar crimes sem serem facilmente descobertos pela polícia, pois, de acordo com uma pesquisa realizada na antiga Casa de Detenção de São Paulo (Stella, 2003, apud PRETI, 2010, p. 164), “a gíria, meio de identificação entre os detentos, no interior do presídio, configura um código, muitas vezes desconhecido, quase sempre, até pelos guardas.” Isso acontece porque os criadores desse código secreto usam a criatividade para formar novas palavras a partir do próprio vocabulário comum, “deformando significantes; truncando ou reduplicando sílabas; mudando categorias gramaticais; criando metáforas e metonímias reveladoras da visão do mundo pelo grupo marginal.” (PRETI, 2004, p. 89).

O vocabulário desse grupo é tão diferente que, aos ouvidos de pessoas não iniciadas, pode parecer se tratar de outro idioma, uma segunda língua. Veja o exemplo abaixo de um diálogo reconstituído por dois detentos na Casa de Detenção de São Paulo, a pedido do pesquisador:

- Oi, meu!
- Oi! Que é que há? Alguma lança quente pra nós?
- Tenho duas, basta ficar na campana. O que falta é as turbinas pra render os loques.
- Máquina é fácil de arrumar. Basta pular no gogó de um mico e pronto: estamos maquinados.
- Nada de micos, vamos de mão grande num napo de firma. Eles sempre têm fogo na cinta.
- Escute, meu: a lança é caxanga, espianito ou mão grande. Precisa ver se o serviço é limpo e não dá tira ou se a barra é suja.
- É mole, meu, só tem paruana e mina na jogada. (PRETI, 2004, p. 90)

Qualquer pessoa não pertencente ao mundo da criminalidade, ao fazer a leitura desse diálogo, precisaria de um tradutor para compreender o sentido do mesmo, pois as palavras *lança* (furto), *campana* (observação), *turbina* (revolver), *loque* (trouxa), *máquina*

(revólver), *gogó* (garganta), *mico* (policial), *mão grande* (assalto), *napo de firma* (guarda particular), *caxanga* (casa), *espianto* (furto), *tira* (policial), *barra suja* (dificuldade), *paruana* (trouxa), *mina* (mulher) dificultam a interação, por se tratar de vocábulos técnicos usados por criminosos que praticam furto e roubo.

Nesse contexto, podemos denominar essa forma peculiar de expressão como “linguagem especial”, a qual tem relação direta com o poder e, ao mesmo tempo em que visa à comunicação interna, exclui a comunidade linguística externa, consentâneo ao que afirma Gnerre (2009, 1985).

Analisando o vocabulário de grupos como esses, fica evidente que se trata de uma linguagem cifrada, que entra no repertório da contravenção como metáfora, uma vez que transferem o sentido de um termo para outro, com o objetivo de não serem compreendidos por pessoas não pertencentes ao grupo.

Cumprе lembrar que o estudo da gíria sob a perspectiva da Sociolinguística Interacional mostra-se eficiente no sentido de se conhecer determinado grupo social, já que a língua tem o poder de expressar a realidade dos falantes que a utiliza, pois, de acordo com Remenche (2003), a língua engloba a cultura, comunica e transmite-a, logo, para um real conhecimento de um grupo humano, é necessário observar a forma deste representa-la.

A metáfora como um recurso sociodiscursivo

Ao analisar as gírias do mundo do crime, vimos que seu estudo perpassa o caminho da metáfora, uma vez que grande parte do vocabulário dos reeducandos é formado pela transformação do sentido original das palavras, dando a estas um sentido figurado.

A definição mais antiga de metáfora vem de Aristóteles (século IV a. C.). De acordo com ele, uma metáfora é o uso do nome de uma coisa para designar outra. O vocábulo metáfora vem do grego *metapherein*, que significa *transferência* ou *transporte*. Etimologicamente, é formada por *-meta*, que significa *mudança* e por *-pherein* que quer dizer *carregar*. “Assim, metáfora seria uma transferência de sentido de uma coisa para outra. Em uma frase como ‘Julieta é o sol’, o sentido de ‘sol’ foi transferido para o de ‘Julieta’.” (SARDINHA, 2007, p. 22).

Remenche (2003) define a metáfora como uma mudança do sentido próprio para o figurado, afirmando que explicá-la seria descobrir o termo próprio ausente, que foi substituído pelo termo figurado. Para Cançado (2007, p. 130), essa mudança de sentido é feita por meio de “uma comparação na qual há uma identificação de semelhanças e transferência dessas semelhanças de um conceito para outro”.

Remenche (2003) destaca, dentre outros, três processos básicos de formações metafóricas, a saber: 1) zoomorfização, em que o humano e o objeto são vistos como

animais; 2) reificação, em que o humano é visto como objeto; 3) antropomorfização, em que coisas ou objetos são vistos como humanos.

Ao falar sobre a metáfora, lembramos de uma outra figura de linguagem denominada *metonímia*, posto que ambas são parecidas, pois relacionam duas coisas semelhantes. Jakobson (1969, apud Fiorin, 2012, p. 74) diz que “toda metonímia é ligeiramente metafórica e toda metáfora tem um matiz metonímico.” Entretanto, há diferenças entre elas, dada as especificidades de cada uma. A metáfora é fundamentada na relação de semelhança entre dois conceitos distantes como, por exemplo, a relação entre o ser humano e o cosmo, em “Julieta é sol”; e a metonímia se apoia na contiguidade, ou seja, cria relações entre conceitos que já são próximos, contíguos, como, por exemplo, a relação que já existe entre o escritor e sua obra na frase “Estou lendo Machado de Assis”. Cumpre lembrar que em ambos os casos há uma comparação, pois Julieta é comparada ao sol e a obra do escritor Machado de Assis é comparada ao próprio escritor, porém, no primeiro caso, temos uma comparação entre dois domínios diferentes (ser humano e cosmo), enquanto no segundo, temos uma comparação em apenas um domínio (o domínio das obras de Machado de Assis), em que são comparados dois aspectos desse mesmo domínio, ou seja, o autor e a sua obra. (SARDINHA, 2007). Na metáfora há, pois, uma mudança total no significado da palavra original, enquanto na metonímia essa mudança é parcial.

Se pensarmos na gíria do Sistema Prisional e do mundo do crime, Werner (1983, apud Remenche, 2003, p. 43) define bem a metáfora, pois, para ele,

[...] essa figura funciona como uma autoproteção intelectual do indivíduo, representando a consequência de duas tendências: a de reprimir uma representação ou uma ideia cuja expressão é tabu em sentido de pecado ou perigo, atitudes corriqueiras na vida das pessoas que compõem esse grupo, e por outra parte, não obstante, fazer possível a comunicação linguística.

Isso posto, destacamos que as metáforas na gíria dos reeducandos podem conter eufemismos e disfemismos, dada a função social dessa linguagem. Desse modo, os falantes podem tentar suavizar ideias tabus ou violentas com eufemismos, utilizando, por exemplo, a expressão metafórica “jogar para trás”, em vez de “matar alguém”; ou, de forma disfêmica, a expressão “demônio”, no lugar de “juiz”.

Para Lakoff e Johnson (2002) a metáfora é mais que uma simples figura de linguagem usada para embelezar o texto e a fala, ela é um processo cognitivo inerente ao sistema conceitual humano e envolve o desenvolvimento de raciocínio analógico e capacidade interpretativa do interlocutor para ser compreendida. Esses autores desenvolveram a teoria da *metáfora conceptual*, que é uma forma convencional de “conceitualizar um domínio de experiência em termos de outro, normalmente de modo inconsciente. Por exemplo, O AMOR É UMA VIAGEM. [...] No caso acima, a metáfora

fornece um conceito de amor. [...] amor seria uma viagem. Esse é o conceito metafórico.” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, citados por SARDINHA, 2007, p. 30).

No exemplo supra, temos dois domínios de conhecimento ou experiência humana: AMOR e VIAGEM, sendo *viagem* o domínio-fonte, concreto, a partir do qual conceitualizamos algo; e *amor*, o domínio-alvo, abstrato, aquele que desejamos conceitualizar. Sardinha (2007, p. 32) lembra que, a partir de uma metáfora conceptual, podemos fazer *desdobramentos*, ou seja, inferências, tais como: se o *amor é uma viagem*, logo, “se uma viagem longa é cansativa, então um casal que vive junto há muitos anos pode cansar do relacionamento”. Assim, podemos dizer que as metáforas apresentam sistematicidade.

Lakoff (1985) postula três tipos de conceitos metafóricos, que se concretizam num grande número de expressões linguísticas:

- 1) **Metáforas estruturais** – implicam em estruturar um objeto ou experiência em termos de um tipo de objeto ou experiência diferente, por meio de mapeamentos complexos. Assim, o sujeito conceitua um elemento em termos de outro, demonstrando a sua visão de mundo sobre as coisas. Por exemplo: tempo é dinheiro; discussão é guerra; a vida é um jogo de azar; o amor é uma viagem.
- 2) **Conceitos metafóricos orientacionais** – são aqueles que envolvem uma direção espacial (para cima/para baixo, dentro/fora, perto/longe, frente/trás, fundo/raso, central/periférico, etc.). Exemplo: Saúde é para cima / doença e morte são para baixo (Ele está com a saúde em alta. Ele está no topo da forma. / A saúde dele está em baixa. Sua saúde está declinando.)
- 3) **Metáforas ontológicas** – implicam em projetar características de entidade ou substância sobre algo que não tem essas características de maneira inerente, ou seja, consiste em concretizar, de forma física, algo abstrato, sem estabelecer os mapeamentos. Consoante Sardinha (2007, p. 35), “essa concretização é expressa em termos de uma ‘entidade’ (uma ‘coisa’) que pode ser contada, medida, fracionada, etc.” Por exemplo: A vitalidade é uma substância (Ele transborda de energia. / Lá pelo fim do dia eu simplesmente fico sem energia.). De acordo com Lakoff & Johnson (2002), nas metáforas ontológicas, os eventos/ações podem ser conceituados como objetos, as atividades como substâncias e os estados como recipientes.

Para Sardinha (2007, p. 33), “[...] as metáforas conceptuais são culturais. Elas refletem a ideologia e o modo de ver o mundo de um grupo de pessoas, construídos em determinada cultura.” Assim sendo, consentâneo ao que diz Lakoff (1985), para que haja

comunicação, é necessário que os interlocutores sejam falantes igualmente competentes do mesmo dialeto e da mesma língua (ou variedade linguística) e compartilhem pressupostos culturais e contextuais, conhecimento relevante de mundo e as mesmas metáforas conceptuais e teorias populares (senso comum). Mesmo porque, os conceitos que governam o pensamento humano, os quais são expressos por meio da linguagem (metafórica ou não metafórica), não são apenas fruto do intelecto, mas também detalhes do cotidiano, da maneira como cada indivíduo ver e se relaciona com o mundo e com as outras pessoas. Para Lakoff (1985), compreender o discurso de alguém situado numa outra cultura, ou mesmo na nossa, que viva metáforas distintas das nossas, é algo muito complexo. Para compreender o discurso, portanto, é preciso compreender as metáforas e as teorias populares que foram usadas para estruturá-lo.

Dado esse aspecto sociocultural e ideológico atribuído à metáfora, a teoria conceptual desenvolvida por Lakoff & Johnson (2002) serve aos propósitos de nossa pesquisa, que tem como principal aporte teórico a Sociolinguística Interacional, uma vez que a linguagem gíria do Sistema Penitenciário e do mundo da criminalidade coloca em evidência a estrutura sociocultural do grupo que a cria e a utiliza, revelando seu modo de ver o mundo, suas transgressões e vícios. Ademais, essa teoria pode explicar, também, porque grande parte dos policiais consegue interpretar facilmente as criações metafóricas do grupo, já que, devido à convivência com a criminalidade e com os reeducandos, as metáforas conceptuais acabam sendo compartilhadas entre os dois grupos (policiais e criminosos).

152

PROCEDIMENTOS E PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

Para a realização da pesquisa de campo, optamos pela abordagem qualitativa, na “perspectiva etnográfica”, posto que não foi possível visitar o ambiente prisional durante um ciclo de um ano, como é exigido nas pesquisas etnográficas tradicionais postuladas por Erickson (1990), devido à situação do contexto pesquisado, pois, na época da pesquisa, o sistema prisional do estado do Tocantins estava passando por algumas instabilidades, como rebeliões e ameaças de fuga, o que inviabilizou nossa permanência em campo, de forma segura. Assim sendo, só foi possível frequentarmos o ambiente prisional por apenas seis meses. Em virtude disso, preferimos utilizar o termo “perspectiva etnográfica”, sugerido por Sousa (2006), e não apenas “etnografia” para definir nossa metodologia.

Cumpramos lembrar que em nossa pesquisa com os reeducandos tivemos que assumir um papel de observador-interessado no modo de vida do meio carcerário e, sobretudo, deixar claro para os detentos que não representávamos grupos específicos do judiciário ou da polícia investigativa, a fim de ganharmos a confiança dos entrevistados, garantindo,

assim, respostas mais satisfatórias. Para tanto, tomamos como base o princípio da metamorfose postulado pelo antropólogo Luiz Eduardo Soares (1996), segundo o qual requer um movimento “generoso” do pesquisador, no sentido de se colocar no lugar do outro, de forma imaginária e afetiva. Nesse sentido, em nossa pesquisa, procuramos fazer esse movimento de aproximação com os reeducandos pesquisados, com base nesse princípio teórico-metodológico da metamorfose.

Por adotarmos uma perspectiva etnográfica em nossa pesquisa de campo, optamos pela observação participante e a entrevista semiestruturada³ como métodos de geração de dados, pois tais métodos permitem a interação do pesquisador com os pesquisados e um conhecimento mais amplo da cultura e das práticas sociais que são reveladas pela linguagem.

A pesquisa foi realizada entre os meses de abril a outubro de 2012, em que foi possível entrevistar um total de 22 (vinte e dois) colaboradores, sendo 14 (quatorze) reeducandos (seis da Casa de Prisão Provisória de Gurupi – CPPG e oito do Centro de Reeducação Social Luz do Amanhã, de Cariri – TO⁴) e 08 policiais civis (seis Agentes de Execução Penal que atuam nas casas de detenções acima mencionadas, um Agente de Polícia, que atua na Central de Flagrantes de Gurupi e um Delegado de Polícia, que atua na Delegacia Especializada em Investigações Criminais – DEIC – de Gurupi).

Além das entrevistas e observações, elaboramos, também, com a ajuda dos reeducandos e policiais, um glossário com os principais termos gírios utilizados nas duas casas de detenções.⁵

Com o fito de preservar as identidades dos colaboradores, por questões éticas, bem como para personalizar nosso trabalho, identificamos os entrevistados utilizando pseudônimos, em que nomeamos os quatorze reeducandos e os oito policiais sujeitos da pesquisa por meio de vocábulos gírios. A escolha desses pseudônimos foi feita procurando relacionar alguma característica do entrevistado com o vocábulo gírio, contudo, em alguns casos, essa escolha foi feita sem, necessariamente, ocorrer tal relação.

ANÁLISE DAS CRIAÇÕES METAFÓRICAS NAS GÍRIAS DOS REEDUCANDOS

³ As entrevistas foram registradas por meio de gravação ou anotações, conforme autorização dos entrevistados, e para a transcrição, foram usadas as normas para a transcrição utilizadas nos inquéritos do projeto NURC/SP (Preti, 2001).

⁴ Essas duas casas de detenções possuíam, na época da pesquisa, estrutura física precária, com uma média de 8 a 12 presos por cela, sendo que, na época da pesquisa, ambas estavam superlotadas, uma vez que a CPPG abrigava 115 (cento e quinze) presos, tendo capacidade para apenas 30 (trinta) e o Presídio de Cariri abrigava 314 (trezentos e quatorze), enquanto sua capacidade era apenas 180 (cento e oitenta) detentos.

⁵ Esse glossário consta na Dissertação de Mestrado de Matos (2014), disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/16268>

Durante as entrevistas com os reeducandos, notamos que os mesmos faziam uso frequente de termos gírios metafóricos e nem sempre a entrevistadora compreendia de imediato tais termos, sendo preciso solicitar esclarecimentos ao entrevistado a respeito do significado de seus enunciados. Já com relação aos policiais, percebemos que estes apresentam certa facilidade em compreender essas metáforas.

Diante disso, recorremos a Lakoff (1985) e Lakoff & Johnson (2002) para compreendermos como ocorre esse processo de metaforização do discurso dos reeducandos e porque os policiais, de forma geral, não têm muitas dificuldades em interpretar tal discurso.

A *priori*, gostaríamos de enfatizar que a utilização das palavras em sentido figurado (em forma de metáforas, metonímias ou eufemismos), faz parte das estratégias discursivas, também chamadas de pistas de contextualização (Gumperz, 2002), utilizadas pelos reeducandos na tentativa de dar a seu discurso um caráter secreto, a fim de garantir a hegemonia do grupo e facilitar suas práticas criminosas.⁶

Contudo, mais do que apenas estratégias discursivas criadas conscientemente para afastar os policiais da interação, se nos apoiarmos no conceito de *metáfora conceptual* formulado por Lakoff (1985) e Lakoff & Johnson (2002), veremos que as metáforas criadas pelos reeducandos são culturais e refletem a ideologia e o modo como o grupo vê e se relaciona com o mundo e com a criminalidade. Nesse sentido, essas criações metafóricas são inconscientes e colocam em evidência a estrutura do grupo marginal que as cria, recria e as utiliza. Sendo assim, para interpretá-las é preciso conhecer a cultura e o modo de pensar dos falantes que as criam.

Pretendemos, neste artigo, analisar algumas das criações metafóricas criadas pelos reeducandos, a partir da teoria de Lakoff (1985) e Lakoff & Johnson (2002) e, em alguns casos, recorrendo às análises de Remenche (2003). Para tanto, selecionamos os termos gírios metafóricos que mais nos chamou a atenção durante as entrevistas e/ou aqueles que se enquadram mais aos objetivos de nossa pesquisa.

A partir da teoria supracitada, podemos explicar por que os reeducandos e os grupos marginais relacionados ao consumo e ao tráfico de drogas associam-nas a alimentos, denominando, por exemplo, a maconha de “feijão”, o crack de “arroz” e a cocaína de “farinha”. Isso ocorre porque, para a pessoa viciada, a droga é como o alimento, substância essencial para a sua sobrevivência. De acordo com a teoria de Lakoff (1985), essas metáforas podem ser classificadas como estruturais, pois consistem em conceituar

⁶ Veja análise completa a respeito do caráter secreto das gírias dos reeducandos e a interação com os policiais na minha Dissertação de Mestrado, intitulada “*A língua dos ‘filhos errantes da sociedade’: uma análise sociodiscursiva das gírias do Sistema Penitenciário do interior do Tocantins*”, defendida na Universidade de Brasília – UnB, em 2014.

um elemento em termos de outro, por meio de mapeamentos que envolvem a visão de mundo do grupo sobre as drogas. Durante as entrevistas com os reeducandos, notamos também o uso das expressões “remédio bom” e “sabor de quero mais” para o vocábulo droga. Assim, a droga é vista pelo usuário como alimento e remédio para seu corpo, já que, ao fazer uso da mesma, o viciado sente-se saciado e curado dos efeitos negativos que a abstinência lhe proporciona. Além disso, a expressão “sabor de quero mais”, denota a própria situação do viciado, o qual está sempre querendo consumir mais drogas para sentir-se bem.

Conhecendo o universo do mundo das drogas e os sentimentos dos viciados com relação às mesmas, fica fácil para os policiais interpretarem, no contexto das falas dos reeducandos e/ou criminosos sob investigação, que, ao utilizarem nomes de alimentos em frases do tipo: “*Manda pra mim aí um quilo de feijão*” (ver excerto 1, abaixo), estão, na verdade, se referindo à droga, que para eles é vital como o alimento.

Excerto 1:

[...]

Doce Recheado: *Minha senhora... deixa eu falá pra você é:::... quando você faz uma ligação prum traficante... logicamente que você num pode chegá nele e fala... “E aí... brow... manda pra mim aí tantos quilos de::: de:::... de pedra... de maconha...” Não tem como você falá isso daí... Até porque... isso aí não é grampeado... ((apontando para o aparelho celular da entrevistadora)) como isso aí pode ser muito fácil de grampear... Eu mesmo grampeio de lá de dentro... se eu quiser...*

E.: *Sei... Aí... que palavras você usa? Você lembra de algum fato em que você ligou e falou?*

Doce Recheado: *Eu acredito que você fala assim... você fala:::... “parceiro... manda pra mim aí:::... éh:::... um quilo de feijão”... que é um quilo de maconha... entendeu? “Um quilo de arroz”... que é a pedra ((crack))... Ou então... você quer comprar uma cocaína... você fala... “manda pra mim lá tantas grammas daquele remédio bom lá...”*

O *corpus* revela que os reeducandos também utilizam uma metáfora estrutural para designar “aparelho celular”, o qual é chamado de “doce”, pois, de acordo com a explicação do reeducando Doce Recheado, durante as entrevistas, um aparelho celular no sistema prisional “[...] é como se fosse um doce na cadeia... porque um aparelho no sistema ele tanto ajuda o reeducando... como prejudica ele também... Então... de ambas as formas... ele é um doce... O doce tanto ele faz bem... como ele pode fazer mal... devido à quantidade...[...]” Notamos que um aparelho celular para quem está enclausurado é considerado algo positivo, que possui “sabor agradável” como um doce, pois pode lhe proporcionar o contato com o mundo externo e a possibilidade de planejar ações criminosas para satisfazer suas necessidades financeiras, de consumo de drogas etc. Contudo, caso o preso não saiba utilizar esse “doce” com cautela e moderação, pode ser pego pelos policiais, o que lhe causará sérios problemas, já que o uso de aparelho celular

no sistema prisional é proibido, ou seja, o uso incorreto e excessivo do aparelho pode prejudicar o reeducando, assim como o excesso de doce pode fazer mal ao organismo. É interessante que para o aparelho celular com *chip* eles usam a metáfora “doce recheado”, com a finalidade de enfatizar que um aparelho celular com *chip* é melhor (e mais útil) que um sem, assim como um “doce recheado” é mais gostoso que um “doce” sem recheio.

Outras criações gírias metafóricas que nos chamou a atenção, durante nossas conversas com os agentes penitenciários e reeducandos, foram os vocábulos utilizados pelos presos para designar o agente carcerário/policial.

Veja o que diz o reeducando Correria, no excerto 2, abaixo:

Excerto 2:

Correria: [...] quando você chama o policial de **dezoito**... ele quer dizer “filho da puta”... mas como não pode... então ele chama de dezoito... ((que significa “porco” no jogo do bicho))

Já o reeducando Doce Recheado, no excerto 3, se refere aos policiais como “verme”:

Excerto 3:

Doce Recheado: Eu tenho:::... oito tentativa de fuga daqui do presídio... Já fui embora umas duas vezes... Já tomei tiro aqui em cima desse muro... Em dois mil e:::... foi em 2006 ou 2008... nós cavamos um tatu aqui e fomo embora trinta e cinco menino... trinta e cinco pessoa... entendeu? E no momento lá... a gente conversava na linguagem de dentro do sistema... né... Porque... muitas vezes... a polícia tava rondando do lado de fora... Ai.. a gente falava... “Ó... **os verme** tá aí... fica de olho...”

E.: Os... o quê?

Doce Recheado: Os verme... ((risos))

E.: Ah... os verme era a polícia?

Doce Recheado: É... os verme.. entendeu? Esses polícia aí pra mim é tudo verme... sabe? ((risos)) Então nós falava... “ó.. os verme tá aí... então... é o seguinte... manda pra mim lá a bebê”... A bebê é uma:::... é:::... como se diz? É uma chapa... entendeu? Pra você cavá...

Com relação ao vocábulo “dezoito”, notamos que se trata de uma metáfora carregada de eufemismo, pois os reeducandos recriam o significado da metáfora zoomórfica “porco” para designar o agente penitenciário, transferindo a este as características negativas de um animal. O uso desse termo reflete como é visto esse guarda, alguém relacionado a tudo que for mal, sujo, no sentido de ruim. Assim, os reeducandos expressam, implicitamente, seu desprezo com relação aos policiais, já que não o podem fazer explicitamente, por medo dos castigos que sofreriam.

Já o termo metafórico “verme”, é disfêmico, pois não suaviza a ideia que os reeducandos têm com relação aos policiais, ao contrário, tenta enfatizá-la e apresenta um tom satírico, revelando o conflito existente entre policiais e detentos, em que estes, ao se referirem àqueles pelo vocábulo “verme”, expressam sua repulsa com relação ao

“inimigo”, o qual é visto como algo ruim, como “vermes” que podem prejudicá-los e que, por isso, precisam ser combatidos.

Observamos que a utilização das metáforas acima é uma forma de os apenados demonstrarem desprezo pelos agentes carcerários que os vigiam. Mostraremos, na sequência, que tal desprezo se estende aos próprios reeducandos e à situação de exclusão social e humilhação a que estão sujeitos dentro do sistema prisional. Assim, eles criam metáforas estruturais/zoomórficas que descrevem detalhes do cotidiano brutal e violento em que estão inseridos, revelando as condições subumanas em que vivem.

Nesse contexto, a cela onde ficam presos é chamada, metaforicamente, de “jaula”, dando ênfase à situação de animal em que os presos se encontram, privados de sua liberdade, afastados do convívio social por representarem perigo, assim como um animal selvagem e feroz que precisa ser enjaulado para não devorar as pessoas.

Outra metáfora zoomórfica utilizada pelos reeducandos é “tatu”, a qual é utilizada para designar buraco/túnel que os presos fazem para fugir da cadeia (Excerto 3). Nesse caso, ocorre uma analogia com o fato de o tatu, mamífero desdentado da família dos dasipodídeos, fazer buracos e túneis na terra. No sentido utilizado no Sistema Penitenciário, verificamos uma espécie de metonímia que estabelece uma relação do agente pelo seu produto (REMENCHE, 2003).

Encontramos, também, na gíria dos reeducandos metáforas e metonímias antropomórficas, ou seja, que estabelecem analogias entre objetos e seres humanos (REMENCHE, 2003). Dois exemplos encontrados no *corpus* são “tereza” e “bebê”. A primeira é utilizada para designar uma espécie de corda feita de lençóis amarrados um ao outro, a qual é utilizada pelos presos na prática do suicídio por enforcamento, bem como para fugas (amarra-se a “tereza” em um ponto firme dentro dos muros da cadeia e os presos descem por ela como que fazendo rapel). Neste termo há uma antropomorfização a partir da analogia com o fato da “tereza” ser muito parecida com uma trança, tipo de penteado feminino. É uma metonímia que estabelece uma relação de símbolo, penteado essencialmente feminino (daí o motivo de se chamar “tereza”, que é um nome de mulher), pela coisa simbolizada (REMENCHE, 2003).

Por sua vez, o termo “bebê” é utilizado para designar uma espécie de faca artesanal, feita pelos próprios reeducandos a partir de pedaços de ferro retirados das celas, a qual é utilizada para cavar os túneis para fuga. De acordo com a explicação dos reeducandos, essa faca é chamada de “bebê” porque é menor, em comparação com as outras que eles fazem. Notamos a antropomorfização devido à analogia com um bebê humano, já que ambos são pequenos.

É comum também o uso de reificação nas criações metafóricas dos detentos como, por exemplo, o uso da expressão “sete um” para designar pessoa malandra, que argumenta bem. Essa criação se caracteriza como um empréstimo do Código Penal Brasileiro que, em seu artigo 171, classifica o estelionato, crime em que se engana/ludibria as pessoas, abusando da boa fé alheia. Normalmente, o sujeito que comete esse crime argumenta bem, é eloquente e muito simpático. Em algumas cadeias brasileiras, como as do estado do Paraná (Remenche, 2003), os presos utilizam o número completo do artigo, ou seja, a expressão “um sete um”. Verificamos, contudo, que nos estabelecimentos penais do Estado do Tocantins ocorre um processo de redução desse termo, já que o *corpus* de nossa pesquisa traz a expressão “sete um”, com o mesmo sentido da encontrada no trabalho de Remenche (2003), desenvolvido no Paraná. De acordo com essa autora, essa criação metafórica é uma espécie de metonímia, em que se usa o número do artigo do delito, pelo sujeito que o cometeu, desse modo, por meio de uma reificação, estabelece-se uma relação por dependência de ideia. Cumpre ressaltar que, no contexto de nossa pesquisa, não é só o reeducando que cometeu crime de estelionato que é chamado de “sete um”, mas também aquele que apresenta as características mencionadas acima, isto é, aquele que consegue enganar os outros facilmente, por meio de argumentos fortes e bem estruturados que acabam convencendo o interlocutor, sem que seu ato seja considerado, necessariamente, um crime.

Acrescentamos que a criação e o entendimento dessa metonímia de matiz metafórico é possível porque sabemos que o conhecimento das leis faz parte do cotidiano dos que convivem num estabelecimento penal, sejam eles funcionários ou reclusos. Inclusive, durante as entrevistas, percebemos que na maioria das vezes em que perguntávamos aos reeducandos qual o tipo de crime que eles haviam praticado, eles respondiam utilizando o número do artigo do Código Penal que trata de tal crime. A princípio, imaginamos que procediam dessa forma na tentativa de suavizar o ato ilícito praticado, até mesmo pela pressão ritual sofrida na interação face a face com a entrevistadora. Todavia, conversando informalmente com um agente penitenciário, ele nos relatou que isso ocorre porque, dentro do sistema prisional, os apenados são identificados pelo crime cometido, havendo, inclusive, uma separação informal entre eles, em que aqueles que cometeram crimes menos graves são discriminados por aqueles que cometeram crimes mais graves, ou seja, há uma estratificação social dentro da cadeia baseada na gravidade do crime.

Tendo como base a taxonomia das metáforas conceptuais postulada por Lakoff (1985) e Lakoff & Johnson (2002), podemos atestar que todos os casos analisados acima tratam-se de *metáforas* (ou metonímias) *estruturais*, sejam elas construídas por processos

de zoomorfização, reificação ou antropomorfização, pois para estruturá-las e compreendê-las é necessário um mapeamento a respeito de outros conceitos, baseados na experiência e na visão de mundo dos sujeitos envolvidos.⁷

As análises aqui desenvolvidas revelam, pois, que a linguagem dos “filhos errantes da sociedade” estão carregadas de criações metafóricas, as quais, além de serem utilizadas como um artifício para tentar excluir os policiais da interação e garantir a hegemonia do grupo, revelam a visão de mundo do grupo e como este se relaciona com o mundo da criminalidade e com o ambiente prisional; (res)significando-o por meio de metáforas conceptuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da presente pesquisa, constatamos que o estudo das criações metafóricas presentes na linguagem dos “filhos errantes da sociedade”, sob o prisma da Sociolinguística Interacional e da perspectiva etnográfica, possibilitou revelar quem são tais sujeitos, o que pensam, o que sentem e como veem e se relacionam com o mundo e com a criminalidade.

As análises revelaram que as gírias de grupo do sistema carcerário não visam apenas à comunicação secreta, mas se configuram como uma forma de identificar um grupo, tal como as tatuagens e as vestimentas. Em síntese, é a forma desse grupo sair do anonimato, expressando suas crenças, alegrias e mazelas a que estão sujeitos no meio carcerário; é o modo encontrado de ser diferente de alguma forma; além dessa linguagem gíria ser básica para todos que desejam se comunicar no Sistema Penitenciário, por isso todos aprendem cedo e rápido, conforme também concluiu Remenche (2003).

Vimos, por meio das metáforas conceptuais (LAKOFF & JOHNSON, 2002) criadas pelos reeducandos, que esses sujeitos veem a si mesmos como animais, colocando-se em condições inferiores e desumanas, o que reflete a exclusão social em que vivem. Por sua vez, seus inimigos, os policiais, também são comparados a animais, revelando o conflito existente entre os dois grupos e o desprezo dos transgressores da lei com relação àqueles que lutam em prol de seu cumprimento.

Foi possível perceber, durante as conversas com os reeducandos, que, em alguns momentos, estes usam a linguagem metafórica e hermética como estratégia discursiva (GUMPERZ, 1988, 2002) para tentar excluir os policiais da interação verbal e facilitar suas práticas criminosas. Todavia, os policiais, que convivem diariamente com a criminalidade, acabam conhecendo a forma de pensar dos grupos marginais, o que os leva

⁷ Em Matos (2014) constam, também, análises das metáforas orientacionais e ontológicas criadas pelos reeducandos.

a inferir com facilidade os significados dos vocábulos gírios criados. Sendo necessário, não obstante, atualização constante, uma vez que as gírias dos “filhos errantes da sociedade” estão sempre se renovando, a fim de tentar manter seu caráter secreto.

Concluimos com as palavras (desabafo) de Pegador, que transmitem um retrato da vida nas prisões e das condições subumanas a que os detentos estão submetidos, o que os leva (re)criar, constantemente, novas formas de expressão pela linguagem a fim de sobreviverem dentro do sistema prisional, considerado pela maioria deles como “inferno”: *“Você nunca vai levantá do mesmo jeito. [...] Você vai deitá com uns planos lindo na sua mente: sua família, a sua casa, seu lar... mas você vai levantá de manhã cedo, você vai vê um cão, o inferno na sua frente. [...] Você vai vê a humilhação que você tem todo dia de manhã cedo ao levantá, aquele povo chegá, te acordá, às vezes te humilhá, entendeu? Então, nunca é perfeito desse jeito... cada dia você vai amanhecer com sua mente diferente... você vai se expressar de outro jeito.”* (Pegador)

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Tradução de Michel Lahud e Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BORTONE, Marcia Elizabeth. Comunicação Interdialetal. In: CAVALCANTI, Marilda C.; BORTONI-RICARDO, Stella Maris (orgs.). **Transculturalidade, Linguagem e Educação**. Campinas: Mercado das Letras, 2007. P. 123 – 142.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?**: sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.

CANÇADO, Márcia. Protótipos e metáforas. In: CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica**: noções básicas e exercícios. São Paulo: Contexto, 2012. P. 123 – 141

ERICKSON, Frederick. Ethnographic description. In: ULRICH, Ammon; NORBERT, Dittmar; KLAUS, J. Mattheir (orgs.). **International Handbook of the Science of Language and Society**. Vol. 2. Berlin, New York, Walter de Gruyter. P. 1081-1095. 1988.

FIORIN, José Luiz. Metáfora e metonímia: dois processos de construção do discurso. In: FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido**: estudos discursivos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. P. 71 – 91.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 5. ed. São Paulo: Martins Fonte, 2009.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de Interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

GUMPERZ, John. **Discourse Strategies**: studies in Interactional Sociolinguistics 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

_____. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (orgs.). **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo: Humanística, 2002. P. 149 – 182.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LAKOFF, George. **A metáfora, as teorias populares e a possibilidade de diálogo**. Tradução de Rodolfo Ilari e Eric M. Sabinson. In: Cadernos de Estudos Linguísticos, nº 9, 1985, p. 49 – 68. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/cel/article/view/3373/2846>>. Acesso em: 02 setembro 2013.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **As metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MATOS, Solange Cavalcante de. **A língua dos “filhos errantes da sociedade”**: uma análise sociodiscursiva das gírias do Sistema Penitenciário do interior do Tocantins. Brasília: Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, 2014. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/16268>>. Acesso em: 16 out. 2020.

PRETI, Dino. **A gíria e outros temas**. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1984.

_____. Apresentação. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 5. ed. São Paulo: Humanitas, 2001, p. 07 – 12.

_____. O Vocabulário oral popular: a gíria. In: PRETI, Dino. **Estudos de Língua Oral e Escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. Inclusão e exclusão social pela linguagem: a gíria de grupo. In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010. p. 159 – 167.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi. **As criações metafóricas na gíria do Sistema Penitenciário do Paraná**. 2003. Dissertação de Mestrado (Estudos da Linguagem) – UEL-Londrina. Disponível em: <http://www.direitocapital.com.br/sites/pdf/malu_metaforicas.pdf>. Acesso em: 04 janeiro 2012.

SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007.

SCHIFFRIN, Deborah. Interactional Sociolinguistics. In: McKay, S. L.; HORUBERGER, N. **Sociolinguistic and Language Teaching**. New York: Cambridge, 1996, p. 307 – 328.

SOARES, Luiz Eduardo. **Violência e Política no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume, 1996.

SOUSA, Rosineide Magalhães. **Gênero discursivo mediacional, da elaboração à recepção**: uma pesquisa na perspectiva etnográfica. (Tese de Doutorado) Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.